



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

Reconstrução Familiar e Comportamento: O Papel dos Vínculos Parentais na Formação da Saúde Emocional da Infância à Vida Adulta

Family Reconstruction and Behavior: The Role of Parental Bonds in Shaping Emotional Health from Childhood to Adulthood

Reconstrucción Familiar y Comportamiento: El Papel de los Vínculos Parentales en la Formación de la Salud Emocional desde la Infancia hasta la Vida Adulta

Priscilla Rodrigues Ribeiro Rocha

Escola Froudiana

Advogada, Pós Graduada em Terapia Comportamental Sistêmica, Grego e Hebraico na Escola Bíblica de Israel, Mentora Familiar Cristã, Palestrante, Ministra do Evangelho, Pesquisadora científica, Escritora e Idealizadora do projeto: Mulheres Geracionais Vila Velha, Espírito Santo, Brasil
pryscillaroch@gmail.com

RESUMO

Considerando que os vínculos parentais desempenham papel central na formação emocional e comportamental da criança e que a ausência afetiva tem se tornado um problema crescente nas dinâmicas familiares contemporâneas, justificou-se investigar como essas experiências influenciam o desenvolvimento humano da infância à vida adulta. Objetiva-se analisar de forma interdisciplinar de que modo práticas parentais sensíveis favorecem a regulação emocional, enquanto a negligência e a instabilidade afetiva produzem fragilidades socioemocionais duradouras. Para tanto, procede-se a uma pesquisa bibliográfica baseada em estudos recentes das áreas de psicologia, neurociência e terapia sistêmica, selecionados nos bancos SciELO e Google Acadêmico, com foco em evidências sobre parentalidade, afeto e desenvolvimento. Desse modo, observa-se que ambientes familiares afetivos favorecem a plasticidade cerebral, fortalecem competências como empatia, autocontrole e segurança emocional, ao passo que a ausência parental compromete vínculos, gera insegurança e aumenta vulnerabilidades emocionais. O que permite concluir que práticas parentais fundamentadas em afeto, presença e responsividade são essenciais para promover saúde mental, prevenir rupturas emocionais e sustentar processos terapêuticos de reconexão familiar, reafirmando a família como núcleo estruturante do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Vínculos parentais. Desenvolvimento emocional. Parentalidade. Neurociência. Saúde mental.



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

ABSTRACT

Considering that parental bonds play a fundamental role in children's emotional and behavioral development, and recognizing the increasing challenges faced by families regarding emotional absence and instability, the study is justified by the need to understand how such dynamics shape psychological outcomes across the lifespan. Aiming to analyze how sensitive parenting practices support emotional regulation, while parental absence and affective neglect generate long-lasting socio-emotional vulnerabilities, this research adopts an interdisciplinary perspective. The study proceeds by conducting a bibliographic investigation based on recent publications from psychology, neuroscience, and systemic therapy, retrieved from SciELO and Google Scholar, focusing on evidence related to parenting, affection, and child development. It is observed that affective family environments enhance neural plasticity and strengthen emotional skills such as empathy, self-regulation, and a sense of security, whereas environments marked by tension or emotional distance hinder healthy development and increase vulnerability to future mental health issues. This allows us to conclude that responsive, affectionate, and present parenting practices are essential for promoting emotional well-being, preventing emotional ruptures, and supporting therapeutic processes aimed at family reconnection, reaffirming the family as the primary context for human development.

Keywords: Parental bonds. Emotional development. Parenting. Neuroscience. Mental health.

RESUMEN

Considerando que los vínculos parentales desempeñan un papel esencial en el desarrollo emocional y conductual infantil, y ante el creciente desafío de la ausencia afectiva en las dinámicas familiares contemporáneas, este estudio se justifica por la necesidad de comprender cómo estas experiencias influyen en la vida emocional desde la infancia hasta la adultez. Se objetiva analizar, desde una perspectiva interdisciplinaria, cómo las prácticas parentales sensibles favorecen la autorregulación emocional, mientras la negligencia y la inestabilidad afectiva generan vulnerabilidades socioemocionales duraderas. Para ello, se procede a una investigación bibliográfica basada en estudios recientes de psicología, neurociencia y terapia sistémica, seleccionados en SciELO y Google Académico, centrados en evidencias sobre parentalidad, afecto y desarrollo infantil. De este modo, se observa que los entornos familiares afectivos fortalecen la plasticidad neural y promueven habilidades como la empatía, el autocontrol y la seguridad emocional, mientras que la ausencia parental incrementa la inseguridad y afecta la salud mental. Lo que permite concluir que las prácticas parentales basadas en el afecto, la presencia y la responsividad son esenciales para promover el bienestar emocional, prevenir rupturas vinculares y sustentar procesos terapéuticos de reconexión familiar, reaffirmando a la familia como núcleo estructurante del desarrollo humano.



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

Palabras clave: Vínculos parentales. Desarrollo emocional. Parentalidad. Neurociencia. Salud mental.

1 INTRODUÇÃO

A formação emocional humana tem despertado crescente interesse científico nas últimas décadas, especialmente diante do aumento de diagnósticos relacionados a transtornos comportamentais na infância, como ansiedade, depressão e dificuldades de autorregulação. Estudos em Psicologia do Desenvolvimento, Terapia Familiar Sistêmica e Neurociências têm demonstrado que a base da saúde emocional é estabelecida nos primeiros anos de vida, período em que a criança depende quase integralmente das relações primárias para desenvolver segurança, afeto e equilíbrio (Moutta, 2024).

A discussão sobre vínculos familiares ganha ainda mais relevância em tempos de mudanças sociais, novas configurações familiares e crescente pressão emocional sobre crianças e adolescentes. Tais transformações exigem compreender como a dinâmica parental — presença, qualidade das interações, comunicação e responsividade — impacta diretamente a construção da subjetividade, do senso de pertencimento e da estabilidade emocional (Cavalcanti *et al.*, 2025).

Diante dessa realidade, o presente estudo delimita-se a investigar de que maneira os vínculos parentais influenciam o desenvolvimento emocional e comportamental na infância, produzindo impactos persistentes ao longo da vida adulta. A partir desse recorte, busca-se responder ao seguinte problema de pesquisa: como as práticas relacionais entre pais e filhos moldam a saúde emocional e o comportamento desde a infância, e de que forma esses efeitos se manifestam na vida adulta?

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de compreender, de maneira integrada e fundamentada, os fatores que contribuem para o adoecimento emocional infantil, bem como os elementos que promovem resiliência e desenvolvimento saudável.



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

Ao articular psicologia, neurociência, epigenética e perspectivas ético-espirituais, o estudo oferece subsídios para profissionais da saúde, educadores, terapeutas familiares e pesquisadores interessados nas relações entre ambiente familiar e saúde mental.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, construída a partir da análise de produções científicas recentes e de autores de renome. As palavras-chave utilizadas para ampliar o alcance da busca foram vínculos parentais, desenvolvimento emocional e neurociência infantil, com consultas realizadas nos bancos de dados relevantes garantindo o rigor e a atualidade das discussões.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar de forma interdisciplinar como os vínculos parentais influenciam o comportamento e a saúde emocional infantil e seus desdobramentos na vida adulta. Para isso, contempla como objetivos específicos a identificação das práticas parentais que favorecem a regulação emocional, a análise dos impactos da ausência afetiva, a discussão de evidências neurocientíficas sobre o papel do afeto no desenvolvimento e a proposição de práticas de reconexão familiar fundamentadas em abordagens terapêuticas contemporâneas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do desenvolvimento socioemocional infantil está diretamente vinculada à qualidade das relações parentais estabelecidas nos primeiros anos de vida. Conforme afirma Moutta (2024), a interação cotidiana entre pais e filhos, especialmente entre 36 e 72 meses, constitui um elemento estruturante da formação emocional, influenciando habilidades como empatia, autorregulação e segurança afetiva. A autora destaca que a parentalidade sensível favorece a construção de vínculos seguros, essenciais para o desenvolvimento saudável, enquanto práticas inconsistentes podem gerar dificuldades emocionais posteriores.

Lima e Silva (2022) enfatizam que a parentalidade possui raízes históricas e culturais que moldam as expectativas de cuidado e afeto, influenciando



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

significativamente a forma como os vínculos emocionais são estabelecidos. As autoras observam que, apesar das transformações contemporâneas, permanecem desafios relacionados à ausência de conexão emocional entre pais e filhos, resultantes de modelos parentais herdados e de condições sociais marcadas pela pressa e pela escassez de diálogo.

Do ponto de vista neurobiológico, as neurociências têm contribuído de maneira decisiva para explicar como estímulos afetivos moldam o cérebro infantil. Cavalcanti *et al.*, (2025) destacam que os primeiros anos de vida correspondem a um período de intensa plasticidade neural, no qual experiências de afeto, segurança e estabilidade influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

No mesmo sentido, estudos sobre educação afetiva demonstram que memórias positivas construídas na primeira infância exercem papel protetivo contra futuras adversidades emocionais. Breviário *et al.*, (2025) argumentam que interações afetivas consistentes fortalecem as redes neurais responsáveis pela segurança emocional, consolidando memórias que servem como base para relações saudáveis ao longo da vida.

A sociedade contemporânea, marcada pelo uso intenso de tecnologias e pela aceleração do cotidiano, tem produzido impactos significativos sobre as emoções infantis. Cunha *et al.*, (2025) analisam o desenvolvimento na chamada “sociedade híbrida”, apontando que crianças expostas a ambientes familiares fragmentados e a vínculos frágeis apresentam maior vulnerabilidade emocional.

Leite, Paz e Sampaio (2025) explicam que a alienação parental compromete a percepção de identidade, gera insegurança afetiva e interfere na criação de vínculos estáveis, podendo resultar em dificuldades emocionais na vida adulta. A análise longitudinal realizada pelos autores revela que crianças expostas a esse fenômeno possuem maior risco de desenvolver ansiedade, baixa autoestima e problemas de comportamento.

Sob essa perspectiva, torna-se evidente que a combinação entre fatores afetivos, sociais e neurobiológicos determina a qualidade do desenvolvimento emocional infantil. A literatura converge ao apontar que práticas parentais sensíveis, comunicação afetiva e



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

vínculos consistentes atuam como fatores de proteção, enquanto negligência, ausência emocional e conflitos familiares representam riscos significativos (Moutta, 2024; Cavalcanti *et al.*, 2025).

A integração entre os achados psicológicos, neurocientíficos e sociais demonstra que o desenvolvimento infantil depende de relações pautadas em afeto, presença e responsividade. Tal compreensão reforça a necessidade de práticas familiares que promovam ambientes emocionalmente seguros, capazes de sustentar trajetórias saudáveis da infância à vida adulta (Breviário *et al.*, 2025).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em produções científicas recentes que abordam os vínculos parentais, o desenvolvimento emocional infantil e as contribuições da neurociência para a compreensão do comportamento humano. Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica permite identificar, analisar e interpretar conhecimentos já produzidos, possibilitando ao pesquisador construir sínteses críticas sobre um tema.

A busca pelos materiais foi realizada nos bancos de dados SciELO e Google Acadêmico, utilizando três palavras-chave definidas de acordo com o escopo desta investigação: “vínculos parentais”, “desenvolvimento emocional infantil” e “neurociência do desenvolvimento”.

Foram adotados como critérios de inclusão os seguintes parâmetros: artigos publicados nos últimos cinco anos, escritos em língua portuguesa e que apresentassem relação direta com a questão de pesquisa proposta, respondendo como os vínculos parentais influenciam o desenvolvimento infantil.

Em contrapartida, estabeleceram-se como critérios de exclusão os artigos considerados antigos, aqueles que não respondiam à questão norteadora e os materiais



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

duplicados encontrados nas plataformas de busca. Também foram excluídos estudos cujo foco não dialogava com aspectos emocionais, comportamentais ou relacionais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PRÁTICAS PARENTAIS ASSOCIADAS À REGULAÇÃO EMOCIONAL SAUDÁVEL

A análise das práticas parentais começa com a compreensão das repercussões que a inversão de papéis exerce no desenvolvimento emocional. Mello *et al.*, (2020) explicam que a parentalização, quando crianças assumem funções emocionais ou práticas dos adultos, compromete o estabelecimento de vínculos seguros e impacta a capacidade de autorregulação ao longo da vida. Esses padrões interferem na construção da autonomia, pois deslocam a criança de seu lugar no sistema familiar, gerando tensões emocionais que se manifestam de forma persistente.

Cunha *et al.*, (2025) destacam que a fragilidade dos vínculos contemporâneos tem contribuído para uma crise emocional significativa na infância, especialmente pela ausência de práticas parentais consistentes. A falta de responsividade e acolhimento gera insegurança afetiva e compromete a formação de habilidades socioemocionais. Os autores afirmam que crianças expostas a vínculos instáveis demonstram maior vulnerabilidade diante de situações de estresse.

Com base nessas reflexões, observa-se que práticas inadequadas — como a parentalização e a instabilidade emocional dos vínculos — prejudicam o desenvolvimento das capacidades regulatórias da criança. Ambas as perspectivas reforçam que a ausência de limites claros, acolhimento e funções bem definidas comprometem o equilíbrio emocional infantil. A criança passa a enfrentar desafios internos que poderiam ser minimizados por práticas parentais responsivas.

No campo sistêmico, Silva, Santos e Kissula (2025) afirmam que a parentalidade é fortemente influenciada por lealdades invisíveis e transmissões geracionais que moldam



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

comportamentos parentais. Os autores destacam que padrões herdados podem tanto fortalecer quanto fragilizar a capacidade dos pais de oferecer suporte emocional adequado. Quando esses padrões não são percebidos, repetem-se automaticamente, produzindo práticas que não favorecem a regulação emocional infantil.

Já Silva, Chapadeiro e Silva (2020) ressaltam a importância de processos de reconstrução da parentalidade após situações de dissolução conjugal, destacando como oficinas e intervenções auxiliam no fortalecimento das práticas parentais. Eles observam que a reorganização familiar exige novos acordos emocionais e comunicacionais para evitar práticas negligentes ou conflituosas.

Integrando essas perspectivas, percebe-se que tanto os elementos transgeracionais quanto os impactos da reorganização familiar influenciam diretamente as práticas parentais. Quando pais lidam com padrões herdados ou com mudanças estruturais sem apoio, há maior risco de práticas incoerentes. Consequentemente, a criança pode enfrentar instabilidade emocional que compromete sua capacidade de autorregulação.

Cartaxo, Cartaxo e Antunes (2024), discutem que filhos inseridos em novas configurações parentais podem desenvolver comportamentos de anomia quando os vínculos familiares não fornecem estabilidade emocional. A ausência de referenciais consistentes pode levar à desorientação afetiva e comportamental, gerando dificuldades de adaptação. Esses comportamentos emergem, sobretudo, quando não há alinhamento entre práticas parentais e necessidades emocionais da criança.

Zanini (2021) ao analisar estilos parentais em contextos de guarda compartilhada, destaca que a organização familiar influencia diretamente os indicadores socioafetivos das crianças. A autora aponta que vínculos fortalecidos por comunicação clara e regras estáveis promovem maior segurança emocional. Na guarda compartilhada, quando há cooperação, as crianças desenvolvem maior autonomia e equilíbrio.

Dessa integração, observa-se que novas configurações familiares exigem práticas parentais ainda mais intencionais e estruturadas. Quando a organização familiar carece de estabilidade, a criança tende a enfrentar dificuldades em formar vínculos seguros. Por



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

outro lado, quando os cuidadores constroem acordos saudáveis, a criança encontra referências emocionais mais sólidas.

Retomando o olhar sistêmico, Mello *et al.*, (2020), novamente destacam que a inversão de papéis fragiliza a construção da autonomia emocional. Quando a criança assume responsabilidades que não lhe cabem, seu desenvolvimento fica comprometido. A sobrecarga emocional decorrente desse processo afeta diretamente sua capacidade de autorregulação.

Cunha *et al.*, (2025) reforçam que o cenário contemporâneo expõe as crianças a múltiplas rupturas emocionais, tornando a consistência parental ainda mais necessária. A instabilidade das rotinas, a ausência de diálogo e o enfraquecimento da presença emocional dos pais criam um ambiente desfavorável ao desenvolvimento. As crianças passam a enfrentar desafios emocionais sem suporte adequado, o que amplia as vulnerabilidades.

Com base nessas análises, fica evidente que práticas parentais sensíveis, estruturadas e emocionalmente disponíveis representam o principal alicerce para a regulação emocional infantil. A literatura demonstra que a presença afetiva consistente, combinada a limites claros, oferece às crianças segurança interna para desenvolver autocontrole, empatia e autonomia.

4.2 IMPACTOS DA AUSÊNCIA PARENTAL E DA NEGLIGÊNCIA EMOCIONAL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A ausência parental durante a primeira infância representa um importante fator de risco para o desenvolvimento socioemocional, especialmente quando se considera o período entre 36 e 72 meses. Moutta (2024) afirma que vínculos fragilizados comprometem a formação das habilidades emocionais básicas e prejudicam a construção da segurança interna. A falta de responsividade parental interfere diretamente na capacidade da criança de organizar sentimentos, interpretar experiências e desenvolver autonomia.



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

Lima e Silva (2022) ampliam essa discussão ao destacar que a ausência de vínculo emocional nas famílias contemporâneas deriva também de legados históricos e patrimoniais que moldam práticas parentais pouco sensíveis. Para as autoras, padrões herdados de distanciamento afetivo reproduzem relações frágeis e dificultam a expressão de cuidado emocional.

Ao relacionar essas perspectivas, torna-se evidente que padrões familiares distantes, seja por falta de disponibilidade emocional ou por transmissão de modelos rígidos, intensificam os efeitos da negligência infantil. Ambos os estudos demonstram que crianças privadas de vínculos consistentes encontram dificuldades para desenvolver estabilidade emocional. A ausência de reconhecimento afetivo dificulta a autorregulação e compromete a construção de relações saudáveis.

No campo das neurociências, Cavalcanti *et al.*, (2025), evidenciam que a ausência parental prejudica marcos essenciais do desenvolvimento humano. Os autores destacam que o cérebro infantil depende de estímulos afetivos para consolidar conexões neurais responsáveis pela emoção e linguagem. Quando há negligência, processos como atenção, memória e percepção são afetados, comprometendo o funcionamento cognitivo.

Breviário *et al.*, (2025) reforçam essa visão ao demonstrar que memórias positivas construídas na primeira infância dependem diretamente da qualidade das interações afetivas. A ausência de vínculos seguros impede a formação de memórias estruturantes, essenciais para a autorregulação emocional. Crianças negligenciadas enfrentam maior risco de desenvolver ansiedade e dificuldades de adaptação.

A partir dessas evidências, percebe-se que a ausência de experiências afetivas ricas compromete tanto o desenvolvimento neural quanto a organização emocional da criança. A negligência reduz oportunidades de aprendizagem emocional e fragiliza a estrutura afetiva necessária à construção da autonomia. A literatura evidencia que experiências carentes de afeto dificultam o desenvolvimento da confiança e do autocontrole.



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

Cunha *et al.*, (2025) analisam os efeitos da negligência emocional no contexto da sociedade híbrida, marcada pela intensa presença tecnológica e pela diminuição do contato humano. Os autores afirmam que crianças inseridas em ambientes familiares emocionalmente distantes tendem a demonstrar comportamentos de insegurança e dificuldades de interação social. A ausência parental, associada ao excesso de estímulos digitais, fragiliza o desenvolvimento das habilidades socioemocionais.

Teixeira *et al.*, (2022) complementam esse entendimento ao destacar que características da personalidade materna influenciam diretamente a saúde emocional das crianças. Mães emocionalmente instáveis ou pouco responsivas tendem a reproduzir padrões de negligência que afetam a formação de vínculos seguros. A ausência de estabilidade emocional na figura materna contribui para o surgimento de dificuldades comportamentais.

Ao integrar essas perspectivas, percebe-se que a negligência emocional é amplificada por condições sociais contemporâneas e características individuais dos cuidadores. A ausência parental é agravada pelo ritmo acelerado da vida moderna e pela falta de suporte emocional por parte dos responsáveis. Essa combinação gera um ambiente emocionalmente empobrecido, incapaz de sustentar o desenvolvimento socioemocional da criança.

Retomando o campo das relações parentais iniciais, Moutta (2024) evidencia que a negligência durante a primeira infância prejudica a construção de vínculos seguros, indispensáveis à autorregulação. A criança depende de interações estáveis para aprender a nomear e organizar emoções. Quando há ausência parental, esse processo fica comprometido. A negligência fragiliza a capacidade da criança de compreender e responder adequadamente aos sentimentos.

Lima e Silva (2022) reforçam que a negligência decorre, muitas vezes, da reprodução inconsciente de modelos familiares distantes e hierarquizados. A ausência emocional está enraizada em legados que dificultam a construção de vínculos afetivos sólidos. As autoras argumentam que práticas parentais frias e desconectadas afetam



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

profundamente a autoestima infantil. Como resultado, a criança cresce com sentimentos de inadequação e insegurança.

A negligência emocional durante a infância constitui um dos fatores de risco mais significativos para o desenvolvimento de dificuldades emocionais e comportamentais. A ausência parental compromete vínculos, habilidades socioemocionais e processos neurobiológicos essenciais. Ao longo da vida, essas rupturas se manifestam por meio de insegurança, baixa autoestima e dificuldades relacionais. Esses achados reforçam a urgência de intervenções familiares preventivas e de políticas de apoio à parentalidade.

4.3 O PAPEL DO AFETO NAS EVIDÊNCIAS NEUROCIENTÍFICAS E PRÁTICAS TERAPÊUTICAS DE RECONEXÃO FAMILIAR

Cunha *et al.*, (2025) explicam que, na sociedade híbrida contemporânea, o desenvolvimento emocional infantil é fortemente influenciado pela qualidade das interações afetivas vivenciadas no ambiente familiar. Os autores destacam que o afeto constitui um mediador essencial na construção da segurança emocional e da capacidade de resiliência. A ausência de vínculos afetivos consistentes compromete o desenvolvimento de habilidades socioemocionais fundamentais.

Teixeira *et al.*, (2022) apontam que a personalidade materna influencia diretamente o modo como o afeto é transmitido e percebido pela criança. Mães emocionalmente disponíveis tendem a oferecer ambientes de maior estabilidade, favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais. A ausência dessa disponibilidade, entretanto, está associada a dificuldades de regulação emocional durante a infância.

Observando esses estudos em conjunto, percebe-se que tanto a influência social quanto a disponibilidade emocional individual moldam a forma como o afeto é internalizado pela criança. A ausência de afeto ou sua transmissão de maneira inconsistente gera impactos duradouros, especialmente na formação dos circuitos



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

emocionais. O afeto precisa ser constante e responsivo para promover desenvolvimento saudável.

Leite, Paz e Sampaio (2025) demonstram que a alienação parental possui forte impacto sobre o bem-estar emocional infantil, uma vez que interfere na percepção de afeto e segurança. Crianças expostas a esse fenômeno tendem a apresentar maior risco de ansiedade, insegurança e dificuldades comportamentais. O rompimento forçado do vínculo com um dos cuidadores prejudica a organização emocional interna da criança.

Em outra perspectiva, Kaupe (2022) ressalta que experiências afetivas negativas na infância, especialmente relacionadas à negligência ou rejeição, repercutem diretamente na saúde emocional da vida adulta. As memórias formadas durante o desenvolvimento inicial influenciam padrões de apego, regulação emocional e autopercepção ao longo dos anos. Quando essas memórias são marcadas pela ausência de afeto, tendem a gerar vulnerabilidades emocionais persistentes.

A convergência desses estudos revela que tanto a alienação parental quanto experiências afetivas negativas moldam profundamente a estrutura emocional da criança. Em ambos os casos, a ausência de afeto ou seu comprometimento impede que a criança desenvolva segurança interna. Isso acarreta dificuldades emocionais e comportamentais que se estendem pela vida adulta.

Mello *et al.*, 2020) discutem que a parentalização, caracterizada pela inversão de papéis entre pais e filhos, compromete o desenvolvimento emocional saudável. Quando a criança assume responsabilidades afetivas ou práticas que não lhe cabem, há prejuízo significativo na construção de sua identidade emocional. Essa inversão dificulta a internalização de afeto seguro, gerando confusão e sobrecarga emocional. Os impactos desse fenômeno se estendem à vida adulta, afetando relações e autoestima.

Cunha *et al.*, (2025) também exploram os efeitos da fragilidade dos vínculos modernos, destacando que crianças expostas a ambientes emocionalmente instáveis enfrentam maiores dificuldades de regulação. A ausência de afeto consistente gera sentimento de desamparo e vulnerabilidade. Esses fatores contribuem para a formação de



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

padrões emocionais frágeis, característicos da crise emocional contemporânea na infância.

Integrando essas perspectivas, percebe-se que tanto a inversão de papéis quanto a fragilidade contemporânea dos vínculos resultam em lacunas afetivas significativas. O afeto precisa estar disponível de forma equilibrada, sem sobrecarregar a criança ou negligenciar suas necessidades. A ausência dessa estabilidade gera insegurança emocional e dificulta a construção de vínculos saudáveis.

Silva, Santos e Kissula (2025) explicam que a transmissão geracional de padrões afetivos influencia diretamente a forma como a parentalidade é construída. Lealdades familiares invisíveis podem perpetuar práticas parentais inadequadas ou emocionalmente distantes. Quando esses padrões não são reconhecidos, tendem a se repetir inconscientemente.

Silva, Chapadeiro e Silva (2020) afirmam que oficinas de parentalidade desempenham papel essencial na reorganização emocional após a dissolução conjugal. Essas intervenções promovem práticas afetivas mais estáveis, fortalecendo vínculos entre cuidadores e crianças. O afeto é trabalhado como elemento central na restauração da comunicação familiar.

Diante dessas análises, torna-se evidente que o afeto constitui um eixo fundamental nas intervenções de reconexão familiar. As evidências apontam que práticas afetivas e responsivas são capazes de reparar vínculos fragilizados, reorganizar padrões transgeracionais e promover saúde emocional duradoura. A neurociência reforça que experiências afetivas positivas moldam a arquitetura cerebral, favorecendo comportamentos saudáveis.

5 CONCLUSÃO

Os resultados obtidos ao longo deste estudo permitem responder à questão central proposta: os vínculos parentais influenciam profundamente o desenvolvimento



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

emocional e comportamental infantil, produzindo efeitos que se estendem à vida adulta. As análises realizadas evidenciaram que a qualidade das interações familiares é determinante para a construção da segurança emocional, da autorregulação e das habilidades socioafetivas, confirmando a importância das práticas parentais sensíveis e responsivas.

A síntese dos conteúdos analisados demonstrou que as práticas parentais desempenham papel estruturante no processo de desenvolvimento, contribuindo diretamente para a capacidade da criança de lidar com desafios, construir autonomia e formar relações saudáveis. Também ficou evidente que ambientes familiares marcados por instabilidade, ausência emocional ou rupturas de vínculo afetam a plasticidade neural e prejudicam a construção de competências emocionais duradouras.

Em relação aos objetivos específicos, constatou-se que práticas parentais positivas favorecem a regulação emocional infantil; que a ausência parental e a negligência afetiva representam fatores de risco expressivos para o desenvolvimento; e que o afeto exerce papel essencial nos processos neurobiológicos, fundamentando intervenções terapêuticas voltadas à reconexão familiar. Esses achados reforçam a relevância de compreender a parentalidade como um processo ativo, contínuo e profundamente influente no bem-estar emocional da criança.

Conclui-se que vínculos parentais saudáveis constituem elementos fundamentais para a formação emocional da infância à vida adulta. Os resultados apontam para a necessidade de fortalecer práticas familiares baseadas no afeto, na presença e na responsividade, bem como incentivar ações educativas e terapêuticas que promovam vínculos seguros. Este estudo reforça, portanto, a importância de investir em formas de parentalidade que favoreçam trajetórias emocionais equilibradas e contribuam para a construção de uma sociedade emocionalmente mais saudável.

REFERÊNCIAS



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

BREVIÁRIO, Álaze Gabriel et al. Educação afetiva e neurociência: a construção de memórias positivas na primeira infância. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica** | Vol, v. 4, n. 21, p. 848, 2025.

CARTAXO, Maria Cristina Barros; CARTAXO, Maria Stephanie Barros; ANTUNES, Ticiana. Filhos em desajuste: o comportamento de anomia em novas configurações parentais. **Studies in Health Sciences**, v. 5, n. 4, p. e8524-e8524, 2024.

CAVALCANTI, Mikaelly et al. Breve análise sobre os marcos do desenvolvimento humano à luz das neurociências. **Unisanta Humanitas**, v. 14, n. 1, p. 1-12, 2025.

CUNHA, Nilton Pereira et al. A fragilidade contemporânea dos vínculos nas crianças: a emergência da crise emocional da infância. **Revista Tópicos**, v. 3, n. 26, p. 1-13, 2025.

CUNHA, Nilton Pereira et al. As emoções e o desenvolvimento infantil na sociedade híbrida. **Revista Tópicos**, v. 3, n. 18, p. 1-13, 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KAUPE, Karina Denisa. **Memórias de Infância Sobre as Práticas Parentais, Acontecimentos de Vida Negativos e Saúde Mental na Adulterz**. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade do Algarve (Portugal).

LEITE, Isabelly Cordeiro; PAZ, Jussara Fernandes; SAMPAIO, Mariana Fernandes Barros. Efeitos da alienação parental na saúde emocional das crianças: uma análise longitudinal. **Revista Campo do Saber**, v. 11, n. 1, p. 44-58, 2025.

LIMA, Nathalie Paes; SILVA, Danielle Lima. A família e a parentalidade: uma história sobre patrimônio e seu impacto na falta de vínculo emocional nos dias atuais: The Family and the parentality: a story about patrimony and its impact in the absence of emotional connection. **Revista Cocar**, v. 17, n. 35, 2022.

MELLO, Renata et al. Inversão geracional na família: repercussões da parentalização na vida adulta. **Psicologia USP**, v. 31, p. e190126, 2020.

MOUTTA, Gabriela da Cunha Lira. As relações parentais e o desenvolvimento socioemocional da criança de 36 a 72 meses. 2024. 63 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica. 2024.

SILVA, Eduarda Santos; SANTOS, Thainá; KISSULA, Júlia Chiminecki. Transmissão geracional e lealdades familiares na construção da parentalidade: um olhar sistêmico. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 11, p. 8500-8515, 2025.



Edition: Vol. 02 | Nº. 04 | (2025)

Publication: 09/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v2i4.125>

SILVA, Liniker Douglas Lopes; CHAPADEIRO, Cibele Alves; SILVA, Luciana Maria. A construção da parentalidade após a dissolução conjugal e as oficinas de parentalidade. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 29, n. 66, p. 87-100, 2020.

TEIXEIRA, Victor Vinicius Silva et al. Personalidade materna e desenvolvimento infantil no Brasil: revisão sistemática. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 63-69, 2022.

ZANINI, Lara Franco. **Estilos parentais, organização familiar e indicadores socioafetivos de genitores em exercício da guarda compartilhada**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.